

## 01| ENEM

## Vei, a Sol

Ora o pássaro careceu de fazer necessidade, fez e o herói ficou escorrendo sujeira de urubu. Já era de madrugada e o tempo estava inteiramente frio. Macunaíma acordou tremendo, todo lambuzado. Assim mesmo examinou bem a pedra mirim da ilhota para vê se não havia alguma cova com dinheiro enterrado. Não havia não. Nem a correntinha encantada de prata que indica pro escolhido, tesouro de holandês. Havia só as formigas jaquitaguas ruivinhas.

Então passou Caiuanogue, a estrela da manhã. Macunaíma já meio enjoado de tanto viver pediu pra ela que o carregasse pro céu.

Caiuanogue foi se chegando porém o herói fedia muito.

– Vá tomar banho! – ela fez. E foi-se embora.

Assim nasceu a expressão “Vá tomar banho” que os brasileiros empregam se referindo a certos imigrantes europeus.

ANDRADE, M. *Macunaíma*: o herói sem nenhum caráter. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

O fragmento de texto faz parte do capítulo VII, intitulado “Vei, a Sol”, do livro *Macunaíma*, de Mário de Andrade, pertencente à primeira fase do Modernismo brasileiro. Considerando a linguagem empregada pelo narrador, é possível identificar

- A** resquícios do discurso naturalista usado pelos escritores do século XIX.
- B** ausência de linearidade no tratamento do tempo, recurso comum ao texto narrativo da primeira fase modernista.
- C** referência à fauna como meio de denunciar o primitivismo e o atraso de algumas regiões do país.

- D** descrição preconceituosa dos tipos populares brasileiros, representados por Macunaíma e Caiuanogue.
- E** uso da linguagem coloquial e de temáticas do lendário brasileiro como meio de valorização da cultura popular nacional.

## 02| ENEM

## O peru de Natal

O nosso primeiro Natal de família, depois da morte de meu pai acontecida cinco meses antes, foi de consequências decisivas para a felicidade familiar. Nós sempre fomos familiarmente felizes, nesse sentido muito abstrato da felicidade: gente honesta, sem crimes, lar sem brigas internas nem graves dificuldades econômicas. Mas, devido principalmente à natureza cinzenta de meu pai, ser desprovido de qualquer lirismo, duma exemplaridade incapaz, acolchoado no medíocre, sempre nos faltara aquele aproveitamento da vida, aquele gosto pelas felicidades materiais, um vinho bom, uma estação de águas, aquisição de geladeira, coisas assim. Meu pai fora de um bom errado, quase dramático, o puro-sangue dos desmancha-prazeres.

ANDRADE, M. In: MORICONI, I. *Os cem melhores contos brasileiros do século*.

São Paulo: Objetiva, 2000 (fragmento).

No fragmento do conto de Mário de Andrade, o tom confessional do narrador em primeira pessoa revela uma concepção das relações humanas marcada por

- A** distanciamento de estados de espírito acentuado pelo papel das gerações.
- B** relevância dos festejos religiosos em família na sociedade moderna.
- C** preocupação econômica em uma sociedade urbana em crise.
- D** consumo de bens materiais por parte de jovens, adultos e idosos.
- E** pesar e reação de luto diante da morte de um familiar querido.

**03| ENEM****TEXTO I****Versos de amor**

*A um poeta erótico*

Oposto ideal ao meu ideal conservas.  
Diverso é, pois, o ponto outro de vista  
Consoante o qual, observo o amor, do egoísta  
Modo de ver, consoante o qual, o observas.

Porque o amor, tal como eu o estou amando,  
É Espírito, é éter, é substância fluida,  
É assim como o ar que a gente pega e cuida,  
Cuida, entretanto, não o estar pegando!

É a transubstanciação de instintos rudes,  
Imponderabilíssima, e impalpável,  
Que anda acima da carne miserável  
Como anda a garça acima dos açudes!

ANJOS, A. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996 (fragmento).

**TEXTO II****Arte de amar**

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma.

A alma é que estraga o amor.

Só em Deus ela pode encontrar satisfação.

Não noutra alma.

Só em Deus – ou fora do mundo.

As almas são incomunicáveis.

Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.

Porque os corpos se entendem, mas as almas não.

BANDEIRA, M. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

Os Textos I e II apresentam diferentes pontos de vista sobre o tema amor. Apesar disso, ambos definem esse sentimento a partir da oposição entre

- A** satisfação e insatisfação.
- B** egoísmo e generosidade.
- C** felicidade e sofrimento.
- D** corpo e espírito.
- E** ideal e real.

**04| ENEM****Evocação do Recife**

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros

Vinha da boca do povo na língua errada do povo

Língua certa do povo

Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil

Ao passo que nós

O que fazemos

É macaquear

A sintaxe lusíada...

BANDEIRA, M. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

Segundo o poema de Manuel Bandeira, as variações linguísticas originárias das classes populares devem ser

- A** satirizadas, pois as várias formas de se falar o português no Brasil ferem a língua portuguesa autêntica.
- B** questionadas, pois o povo brasileiro esquece a sintaxe da língua portuguesa.
- C** subestimadas, pois o português “gostoso” de Portugal deve ser a referência de correção linguística.
- D** reconhecidas, pois a formação cultural brasileira é garantida por meio da fala do povo.
- E** reelaboradas, pois o povo “macaqueia” a língua portuguesa original.

**05| ENEM PPL****Cena**

O canivete voou

E o negro comprado na cadeia

Estatelou de costas

E bateu coa cabeça na pedra

ANDRADE, O. *Pau-brasil*. São Paulo: Globo, 2001.

O Modernismo representou uma ruptura com os padrões formais e temáticos até então vigentes na literatura brasileira. Seguindo esses aspectos, o que caracteriza o poema *Cena* como modernista é o(a)

- A** construção linguística por meio de neologismo.
- B** estabelecimento de um campo semântico inusitado.



- C** configuração de um sentimentalismo conciso e irônico.
- D** subversão de lugares-comuns tradicionais.
- E** uso da técnica de montagem de imagens justapostas.

**06| ENEM****Mar português**

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.

PESSOA, F. *Mensagens*. São Paulo: Difel, 1986.

Nos versos 1 e 2, a hipérbole e a metonímia foram utilizadas para subverter a realidade. Qual o objetivo dessa subversão para a constituição temática do poema?

- A** Potencializar a importância dos feitos lusitanos durante as grandes navegações.
- B** Criar um fato ficcional ao comparar o choro das mães ao choro da natureza.
- C** Reconhecer as dificuldades técnicas vividas pelos navegadores portugueses.
- D** Atribuir as derrotas portuguesas nas batalhas às fortes correntes marítimas.
- E** Relacionar os sons do mar ao lamento dos derrotados nas batalhas do Atlântico.

**07| ENEM** Só é meu

O país que trago dentro da alma.  
Entro nele sem passaporte  
Como em minha casa.  
[...]  
As ruas me pertencem.  
Mas não há casas nas ruas,  
As casas foram destruídas desde a minha infância.

Os seus habitantes vagueiam no espaço  
À procura de um lar.  
Só é meu  
O mundo que trago dentro da alma.

BANDEIRA, M. "Um poema de Chagall". In: *Estrela da vida inteira: poemas traduzidos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993 (fragmento).



CHAGALL, M. *Eu e a aldeia*. Nova York, 1911. Disponível em: [pintoresonline.com.br](http://pintoresonline.com.br).

A arte, em suas diversas manifestações, desperta sentimentos que atravessam fronteiras culturais. Relacionando a temática do texto com a imagem, percebe-se a ligação entre a

- A** alegria e a satisfação na produção das obras modernistas
- B** memória e a lembrança passadas no íntimo do enunciador.
- C** saudade e o refúgio encontrados pelo homem na natureza.
- D** lembrança e o rancor relacionados ao seu ofício original.
- E** exaustão e o medo impostos ao corpo de todo artista.

**08| ENEM****A rua**

Bem sei que, muitas vezes,  
O único remédio  
É adiar tudo. É adiar a sede, a fome, a viagem,  
A dívida, o divertimento,  
O pedido de emprego, ou a própria alegria.



A esperança é também uma forma  
De contínuo adiamento.  
Sei que é preciso prestigiar a esperança,  
Numa sala de espera.  
Mas sei também que espera significa luta e não,  
apenas,  
Esperança sentada.  
Não abdicação diante da vida.

A esperança  
Nunca é a forma burguesa, sentada e tranquila da  
espera.  
Nunca é figura de mulher  
Do quadro antigo.  
Sentada, dando milho aos pombos.

RICARDO, C. Disponível em: [www.revista.agulha.com.br](http://www.revista.agulha.com.br). Acesso em: 2  
jan. 2012.

O poema de Cassiano Ricardo insere-se no Modernismo brasileiro. O autor metaforiza a crença do sujeito lírico numa relação entre o homem e seu tempo marcada por

- A** um olhar de resignação perante as dificuldades materiais e psicológicas da vida.
- B** uma ideia de que a esperança do povo brasileiro está vinculada ao sofrimento e às privações.
- C** uma posição em que louva a esperança passiva para que ocorram mudanças sociais.
- D** um estado de inércia e de melancolia motivado pelo tempo passado “numa sala de espera”.
- E** uma atitude de perseverança e coragem no contexto de estagnação histórica e social.

## 09| ENEM

### Sambinha

Vêm duas costureirinhas pela rua das Palmeiras.  
Afobadas braços dados depressinha  
Bonitas, Senhor! que até dão vontade pros homens da rua.  
As costureirinhas vão explorando perigos...  
Vestido é de seda.  
Roupa-branca é de morim.

Falando conversas fiadas  
As duas costureirinhas passam por mim.  
—Você vai?  
—Não vou não?  
Parece que a rua parou pra escutá-las.  
Nem trilhos sapecas  
Jogam mais bondes um pro outro.  
E o Sol da tardinha de abril  
Espia entre as pálpebras sapiroquentas de duas nuvens.  
As nuvens são vermelhas.  
A tardinha cor-de-rosa.

Fiquei querendo bem aquelas duas costureirinhas...  
Fizeram-me peito batendo  
Tão bonitas, tão modernas, tão brasileiras!  
Isto é...  
Uma era ítalo-brasileira.  
Outra era áfrico-brasileira.  
Uma era banca.  
Outra era preta.

ANDRADE, M. *Os melhores poemas*. São Paulo: Global, 1988.

Os poetas do Modernismo, sobretudo em sua primeira fase, procuraram incorporar a oralidade ao fazer poético, como parte de seu projeto de configuração de uma identidade linguística e nacional. No poema de Mário de Andrade, esse projeto revela-se, pois

- A** o poema capta uma cena do cotidiano — o caminhar de duas costureirinhas pela rua das Palmeiras — mas o andamento dos versos é truncado, o que faz com que o evento perca a naturalidade.
- B** a sensibilidade do eu poético parece captar o movimento dançante das costureirinhas — depressinha — que, em última instância, representam um Brasil de “todas as cores”.
- C** o excesso de liberdade usado pelo poeta ao desprezar regras gramaticais, como as de pontuação, prejudica a compreensão do poema.
- D** a sensibilidade do artista não escapa do viés machista que marcava a sociedade do início do século XX, machismo expresso em “que até dão vontade pros homens da rua”.



**E** o eu poético usa de ironia ao dizer da emoção de ver moças “tão modernas, tão brasileiras”, pois faz questão de afirmar as origens africana e italiana das mesmas.

## 10| ENEM

### O bonde abre a viagem,

No banco ninguém,  
Estou só, stou sem.  
Depois sobe um homem,  
No banco sentou,  
Companheiro vou.  
O bonde está cheio.  
De novo porém  
Não sou mais ninguém.

ANDRADE, M. *Poesias completas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2005.

Em um texto literário, é comum que os recursos poéticos e linguísticos participem do significado do texto, isto é, forma e conteúdo se relacionam significativamente. Com relação ao poema de Mário de Andrade, a correlação entre um recurso formal e um aspecto da significação do texto é

- A** a sucessão de orações coordenadas, que remete à sucessão de cenas e emoções sentidas pelo eu lírico ao longo da viagem.
- B** a elisão dos verbos, recurso estilístico constante no poema, que acentua o ritmo acelerado da modernidade.
- C** o emprego de versos curtos e irregulares em sua métrica, que reproduzem uma viagem de bonde, com suas paradas e retomadas de movimento.
- D** a sonoridade do poema, carregada de sons nasais, que representa a tristeza do eu lírico ao longo de toda a viagem.
- E** a ausência de rima nos versos, recurso muito utilizado pelos modernistas, que aproxima a linguagem do poema da linguagem cotidiana.

## 11| ENEM

### Texto 1

#### Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

[...]

Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar — sozinho, à noite —  
Mais prazer eu encontro lá;  
Minha terra tem palmeiras  
Onde canta o Sabiá.  
Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras  
Onde canta o Sabiá.

DIAS, G. *Poesia e prosa completas*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1998.

### Texto 2

#### Canto de regresso à Pátria

Minha terra tem palmares  
Onde gorjeia o mar  
Os passarinhos daqui  
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas  
E quase tem mais amores  
Minha terra tem mais ouro  
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas  
Eu quero tudo de lá  
Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte pra São Paulo  
Sem que eu veja a rua 15  
E o progresso de São Paulo

ANDRADE, O. *Cadernos de poesia do aluno Oswald*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

Os textos 1 e 2, escritos em contextos históricos e culturais diversos, enfocam o mesmo motivo poético: a paisagem brasileira entrevista a distância. Analisando-os, conclui-se que

- A** o ufanismo, atitude de quem se orgulha excessivamente do país em que nasceu, é o tom de que se revestem os dois textos.



- B** a exaltação da natureza é a principal característica do texto 2, que valoriza a paisagem tropical realçada no texto 1.
- C** o texto 2 aborda o tema da nação, como o texto 1, mas sem perder a visão crítica da realidade brasileira.
- D** o texto 1, em oposição ao texto 2, revela distanciamento geográfico do poeta em relação à pátria.
- E** ambos os textos apresentam ironicamente a paisagem brasileira.

## GABARITO

01| **E**

É correta a opção [E], pois “Macunaíma”, de Mário de Andrade, faz parte da primeira fase modernista, período em que as vanguardas europeias são visíveis nas técnicas inovadoras de linguagem, nas inúmeras referências ao folclore brasileiro e na composição narrativa que se aproxima da oralidade.

02| **A**

O último período do excerto é revelador do confronto entre o narrador e seu pai, cuja morte representou a queda do regime patriarcal marcado pela frieza e formalidade e permitiu que a família pudesse usufruir de prazerosas reuniões, como uma festa de Natal. Assim, é correta a opção [A], pois o fragmento é ilustrativo de uma concepção das relações humanas marcada pelo distanciamento de estados de espírito entre duas gerações.

03| **D**

O poema de Augusto dos Anjos estabelece oposição do conceito de amor relativamente ao de Manuel Bandeira. Enquanto o primeiro valoriza a espiritualidade (“Porque o amor, tal como eu o estou amando,/É Espírito, é éter, é substância fluida”), o segundo enfatiza a importância da carnalidade na relação amorosa (“Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo./Porque os corpos se entendem, mas as almas não”). Assim, é correta a opção [D].

04| **D**

Os poetas da primeira geração modernista tinham muito respeito pela língua portuguesa usada pelas pessoas mais simples, por acreditarem ser esta linguagem, a verdadeira tradução do povo brasileiro.

05| **E**

Considerando o poema, não apenas como pertencente ao modernismo, mas pela autoria de Oswald de Andrade, a técnica de imagens justapostas compondo os versos de um pequeno poema é uma característica do poeta que também trouxe a fragmentação de imagens formando composições cubistas com a linguagem.

06| **A**

Considerando as definições de hipérbole (figura de pensamento que consiste no exagero proposital em um texto) e de metonímia (figura de palavra que consiste na transnomação da parte pelo todo), percebe-se o incremento das realizações portuguesas em tal período.

07| **B**

O assunto do poema e do quadro é a preservação na memória daquilo que se viveu no passado. No poema, o eu lírico recorda o país, a cidade, as pessoas que não existem mais na vida real, mas estão registradas no seu íntimo de forma gratificante. No quadro, o rosto feliz de um sujeito sugere que esse tipo de recordação lhe provoca prazer também. Assim, é correta a opção [B], pois o texto associado à imagem permite perceber a memória e a lembrança passadas no íntimo do enunciador.

08| **E**

No poema de Cassiano Ricardo, o eu lírico renega comportamentos reveladores de melancolia, resignação e inércia face às dificuldades materiais e psicológicas da vida. Ao contrário, reage ao estabelecer uma relação de perseverança e coragem no contexto de estagnação histórica e social em que vive. Assim, é correta a alternativa [E].

**09| B**

Ao descrever o andar dançante das duas mulheres, o eu lírico capta com a sua sensibilidade o movimento sincopado, em passos curtos e rápidos, o ritmo ditado pela velocidade cosmopolita. Na combinação dos tecidos, morim e seda, fundem-se o algodão da terra com o fio da seda estrangeira, revelando a heterogeneidade da cultura brasileira através da mistura de raças e culturas. Assim, é correta a alternativa [B].

**10| A**

As alternativas [B], [C], [D] e [E] são incorretas, pois no poema

[B] não existe supressão de verbos;

[C] os versos têm métrica regular (redondilhos menores);

[D] não existe percepção de tristeza do eu lírico, apenas a descrição da viagem de bonde no cotidiano da cidade;

[E] existe presença de rimas nos versos.

Assim, é correta apenas [A].

**11| C**

O poema romântico de Gonçalves Dias mostra uma visão ufanista do Brasil, enaltecendo – o por meio da flora e da fauna “*Minha terra tem palmeiras, / Onde canta o Sabiá*”. O texto de Oswald de Andrade, escritor modernista, elogia o país, mas não perde de vista a realidade. Faz denúncias, como “*Minha terra tem palmares / Onde gorjeia o mar*”, ou seja, apesar da natureza magnífica, do mar, da terra; das riquezas como o ouro, o Brasil mantinha a escravidão. Palmares foi um reduto de escravos foragidos de Pernambuco, instalados, onde hoje fica o norte de Alagoas. O eu lírico do poema deseja voltar não para qualquer lugar do Brasil, mas especificamente para a rua 15 de novembro, centro financeiro do país, no início do século XX, na cidade de S. Paulo, quando foi escrito o poema – “Não permita Deus que eu morra / Sem que volte pra São Paulo / Sem que eu veja a rua 15 / E o progresso de São Paulo. A questão realiza a intertextualidade, isto é, faz o diálogo entre textos.